



## O CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA NA TEORIA DO *IMPERIALISMO COMO FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO DE LÊNIN*

FILIPE OLIVEIRA NAVA<sup>8</sup>

**Resumo:** No presente trabalho, procura-se entender como se conceituou, se originou e se desenvolveu o Capitalismo de Vigilância de Shoshana Zuboff em uma perspectiva teórica d'*O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo* de Lênin. Compreende-se que o último desenvolveu a ideia de que o imperialismo colonial europeu no início do séc. XX se tratava, sobretudo, de uma fase definitiva do capitalismo monopolista. Utilizamos esta teoria para explicar como, no início do séc. XXI, o capitalismo de vigilância se trata na verdade de uma nova forma de imperialismo colonialista aplicado pelo capital monopolista dos dados, capaz agora de dominar relações de produção e consumo do mundo todo à sua maneira.

**Palavras chave:** Capitalismo de vigilância, Imperialismo, Marxismo, Monopolismo, Lênin.

**Abstract:** *In the present work, we seek to understand how Shoshana Zuboff's Surveillance Capitalism was conceptualized, originated and developed in a theoretical perspective of Lenin's Imperialism, Higher Stage of Capitalism. Understanding that the last developed the idea that European colonial imperialism at the beginning of the 20th century was, above all, a definitive phase of monopoly capitalism. We use this theory to explain how, at the beginning of the 21th century, surveillance capitalism is actually a new form of colonial imperialism applied by the monopoly capital of data, capable now of dominating relations of production and consumption from around the world in his own way.*

**Keywords:** *Surveillance Capitalism, Imperialism, Marxism, Monopolism, Lenin.*

### INTRODUÇÃO

Desde um homem que vê seu *smartphone* ser bombardeado por e-mails de propostas de seguros depois de ter tido poucas conversas com amigos sobre a troca de seu carro, até chegar a uma mãe solo trabalhadora que tem o valor de seu plano de saúde absurdamente aumentado, sem entender que vários de seus hábitos estão modificando seu *score* de saúde, tais são alguns exemplos bastante realísticos que trazem sérias questões não somente de ética e privacidade pessoal, mas avançam sobre uma complexa trama de desafios aos

<sup>8</sup> Graduando no curso de Ciências Sociais da UFRPE.



estados democráticos de direito contemporâneos.

Desde o início do século XXI as relações sociais e econômicas estão constantemente sendo transformadas por dispositivos tecnológicos capazes de conectar pessoas, grupos e empresas em tempo real e independentemente de distância, e que as empresas por trás destes dispositivos fornecem oportunidades para produzir e consumir produtos e serviços dos mais variados tipos, de formas antes inconcebíveis. Neste atual estágio de desenvolvimento tecnológico da comunicação é importante indagarmos não apenas as utilidades ou funções que estes aparelhos desempenham, mas também nas implicações do uso. *Smartphones* hoje em dia são capazes de gravar vozes e imagens e transmiti-las a outros em questão de segundos, e se crê que estas e outras tantas possibilidades desempenhadas são recompensas pelo preço em dinheiro de tal aparelho. Mas, como demonstrado por Shoshana Zuboff e tantos outros pesquisadores das chamadas Ciências de Dados, os inúmeros usos que fazemos não só de *smartphones* como de tantos outros aparelhos integrados à internet, como câmeras de registro por vídeo de vias públicas ou os vários eletrodomésticos englobados na chamada *Internet of Things* (IoT), permitem que se extraiam todo tipo de informação possível da experiência humana sensível e sejam utilizadas para finalidades que estão além das cláusulas de contrato ou do que a funcionalidade original previa, promovendo mecanismos que influenciam e dominam comportamentos, assim como os preveem.

A este novo grande mercado de informações extraídas e processadas, e de elaborados produtos de sugestão ou predição comportamental, comercializadas por grandes corporações de tecnologias da informação a clientes ávidos por vender produtos e serviços com maior precisão de consumo que Zuboff e outros denominam de Capitalismo de Vigilância (2020, p. 19).

É nesta nova forma de capitalismo, ainda nascente mas já bastante estabelecida, identificadas sobretudo nas chamadas *Big Tech*, que concebe-se que haja um organizado poder monopolista de mercado que concentra não somente enorme influência sobre governos ou outras empresas, mas que também ultrapassa limites éticos e legais em atendimento aos próprios interesses de lucro, sendo capazes de se constituírem como agentes de um novo tipo de imperialismo global, tanto no mundo real como no virtual, que guarda características similares ao imperialismo europeu neo colonial de fins do séc. XIX e início do XX, como foi muito bem analisado e teorizado por Lênin em sua obra “Imperialismo, estágio superior do capitalismo” (2021).

Por meio desta obra que este estudo se debruça para demonstrar que, mesmo que a antiga forma de imperialismo tenha sido sepultada no passado histórico, a sua essência é resgatada e transformada em modelo ideal de poder ao capitalismo de vigilância. Faz



com que as grandes corporações de tecnologia da informação se coordenam e firmam um monopólio do mercado de dados e produtos de predição e criem novos mecanismos de controle social, estabelecendo divisões de trabalho e consumo globais com natureza claramente colonialista, que intenciona subjugar nações e sociedades segundo hierarquias e classificações preconceituosas. Através de seus avançados dispositivos tecnológicos sensíveis a todo tipo de experiência humana exercem uma forma mais avançada e moderna de imperialismo sobre o mundo, desta vez não para conquistar e dominar vastas regiões geográficas e extrair seus recursos materiais valiosos, mas para exercer seu poderio monopolista e colonial sobre as mentes e corpos humanos.

### O CONCEITO DE IMPERIALISMO EM LÊNIN

Em meio a Primeira Guerra Mundial, em 1916, Vladímir Ilitch Lênin escreveu uma obra que procurou explicar do que se tratava o imperialismo como fenômeno histórico dentro do enfoque de economia política marxista, em resposta a conceitos e visões reacionárias amplamente disseminadas no meio socialista. Assim ele definiu os cinco principais traços do imperialismo:

*1) a concentração da produção e do capital elevada a um patamar tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse “capital financeiro”, da oligarquia financeira; 3) a exportação de capital, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire um significado particularmente importante; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que dividem o mundo entre si, e 5) o término da partilha territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas. (LENIN, 2021, p. 114)*

Tais traços, com maior ou menor diferença, se distinguiam das abordagens tradicionais da época, que concebiam o imperialismo como conquista e subjugação territorial de povos ditos “atrasados” por potências ocidentais ou até como política de boa intenção, numa espécie de missão civilizatória, trazendo as benesses do capitalismo industrial a estes povos. No entanto, tal conceito para Lênin se constituía, sobretudo, como uma etapa superior da trajetória histórica do capitalismo, caracterizado nesta fase pelo *modus operandi* de concentração monopolista da burguesia e pelo surgimento de uma organizada oligarquia financeira com capacidade para criar e moldar as diretrizes com que o sistema capitalista mundial funcionava (LENIN, 2021, p. 113).

Seu estudo se elabora por meio de metodologia científica marxista, que dá um aparato para novas investigações a partir do materialismo histórico e dialético, isto é, compreender



historicamente como e onde se dá a produção material humana e as relações sociais imbricadas, estabelecendo com isto a oposição de dominados e dominadores como as classes sociais historicamente situadas. Complementando,

*é possível extrair de Lênin uma indicação metodológica do seguinte tipo: deve-se ir da categoria (abstrata) até a investigação do concreto, inferir daqui novas categorias científicas, sempre abstratas enquanto tais, porém mais complexas e mais próximas ao concreto para com elas levar a investigação a um novo nível e assim por diante. (GRUPPI, 1979, p. 138 apud JÚNIOR, 2011, p. 37)*

Portanto, entendemos que a teoria do imperialismo de Lênin trouxe contribuição crucial para entendermos o novo padrão de relações econômicas mundiais daquele contexto histórico, que se orientava ao monopolismo industrial e financeiro burguês como fundamento da maior taxa de acumulação de capital, intensificando as contradições sociais inerentes do sistema capitalista e agudizando a luta de classes, sendo considerada portanto como fase histórica final do capitalismo.

Ainda que a obra de Lênin tenha se tornado, hoje, uma fonte documental da historiografia marxista, e que sua teoria tal como literalmente entendida não mais tenha validade como arcabouço completo de análise geopolítica e econômica da atualidade, salienta-se que ela traz consigo um referencial teórico cientificamente válido capaz de elucidar processos e dinâmicas histórico-econômicas do capitalismo mais recente, liderado tanto pela acumulação de capital monetário como de dados, de nível global como local.

## O CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

Desde o início do séc. XXI, empresas de alta tecnologia dos EUA, comumente situadas no chamado “Vale do Silício”, desenvolvem dispositivos e programas de avançada capacidade de captação e processamento de informações da experiência humana sensível, em volume e velocidade progressivamente maiores. E podem, com estas informações e através de computação com tecnologia de Inteligência Artificial (IA) e de *Big Data*, proporem produtos ou serviços que atendam aos próprios interesses e atribuir a estes últimos usos distintos, desconsiderando princípios éticos fundamentais das sociedades democráticas modernas. Neste universo, as chamadas *Big Tech*, mega corporações como Alphabet/Google e a Microsoft, armazenam para si dados de milhões de seres humanos sem uma clara transparência dos usos que farão, gerando o que Zuboff chama de superávit comportamental (ZUBOFF, 2020, p. 93), isto é, o excesso acumulado de informações reaproveitado para usos alternativos.



*Nós somos as fontes do superávit crucial do capitalismo de vigilância: os objetos de uma operação de extração de matéria-prima tecnologicamente avançada e da qual é cada vez mais impossível escapar. Os verdadeiros clientes do capitalismo de vigilância são as empresas que negociam nos mercados de comportamento futuro. (ZUBOFF, 2020, p. 22)*

No entender de pesquisadores desta sociologia dos dados, este superávit adquire o caráter de uma mais-valia comportamental (ARBIX; BRANDÃO, 2020, p. 354), transformando o comportamento humano numa nova fonte de recursos a ser explorada, em um novo capitalismo que não somente extrai lucro do trabalho humano, classicamente concebido por Marx, mas também da experiência vivida. O capitalismo de vigilância atinge assim um novo patamar de reprodução dos lucros, tornando o “trabalho” da existência humana em fonte de renda e de controle.

Os elementos da vivência humana, desde nossas conversas, fotografias ou até mesmo sensações são “dataficados” e compilados em produtos de predição comportamental (ZUBOFF, 2020, p. 19). Estes produtos “antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde” (ZUBOFF, 2020, p. 19) e são vendidos a outras empresas para diversas finalidades, desde quantificação precisa de taxas e custos de clientes de bancos comerciais até no abuso de preços por planos de saúde sobre clientes constantemente rastreados e analisados por dispositivos vestíveis (SOUTHEY, 2019).

*Hoje os produtos de predição são negociados em mercados futuros comportamentais que se estendem além de anúncios on-line com alvos específicos para abranger muitos outros setores, incluindo o de seguros, as lojas de varejo, o ramo das finanças e uma gama cada vez mais ampla de empresas de bens e serviços determinadas a participar dos novos e lucrativos mercados. Seja um dispositivo doméstico “inteligente”, aquilo que as seguradoras chamam de “subscrição comportamental”, seja qualquer um dos milhares de outras transações, nós agora pagamos para ser dominados. (ZUBOFF, 2020, p.21)*

Diante destas características, Zuboff concebe um novo tipo de poder exercido pelos capitalistas de vigilância, conceituado como “instrumentarianismo” que é a “instrumentação e instrumentalização do comportamento para propósitos de modificação, predição, monetização e controle” (2020, p. 402). Com tal poder, as empresas que se utilizam dos produtos preditivos atingem novos patamares de tomadas de decisões e aprimoram a conquista de novos negócios e mercados, graças a minuciosas informações extraídas dos produtos preditivos. Através deste tipo de poder que o capitalismo de vigilância vai impondo sutilmente sua vontade sobre sociedades incautas, como um leviatã, que Zuboff vai definir como um ente distópico denominado O Grande Outro:



*O capitalismo de vigilância governa pelo poder instrumentário por meio da sua materialização no Grande Outro, que, como o antigo tirano, existe fora da humanidade enquanto paradoxalmente assume a forma humana. A tirania do capitalismo de vigilância não requer o açoite do déspota mais do que requer campos e gulags do totalitarismo. Tudo o que é preciso pode ser encontrado nas reconfortantes mensagens e nos emoticons do Grande Outro, a pressão dos outros não na forma de terror, mas nas suas irresistíveis induções para confluência, o tecido da sua camisa saturado de sensores, a voz gentil que responde a suas indagações, a TV que escuta você, a casa que conhece você, a cama que dá boas-vindas aos seus sussurros, o livro que lê você... O Grande Outro age em nome de uma conjunção sem precedentes de operações comerciais que devem modificar o comportamento humano como condição de sucesso comercial. (ZUBOFF, 2020, p. 577)*

Distinguimos, portanto, neste Grande Outro, encabeçado pelas *Big Tech* e no seu instrumentarismo, a germinação de uma nova era implementada em favor de uma nova ordem mundial baseada no império dos dados, que extrai seu lucro com uma eficiência ainda maior do que os formatos de capitalismo histórico precedentes.

## O NOVO IMPERIALISMO DE DADOS

Para começarmos a entender o Capitalismo de Vigilância num caráter monopolista, e portanto imperialista, temos de desafixar este último conceito de seu significado puramente contextual e histórico, como designado pela forma político-econômica conduzida por potências européias no período estudado por Lênin e outros de sua época.

*O caráter específico que assume o imperialismo ao longo do tempo e a sua forma concreta de manifestação em cada formação econômica e social dependem do modo pelo qual se combinam as tendências à concentração e centralização de capitais com a lei do desenvolvimento desigual em cada conjuntura histórica. (JÚNIOR, 2011, p. 43)*

Como o imperialismo é, em sua essência econômica, o capitalismo monopolista (LÊNIN, 2021, p. 149), podemos enquadrar as *Big Tech* segundo três dos quatro principais traços definidos por Lênin para identificar o monopólio sobre dados: “Primeiro, o crescimento do monopólio é um produto da concentração da produção em um patamar muito elevado do seu desenvolvimento.” (2021, p. 149), isto é, o crescimento como monopólio depende da acumulação rápida e massiva de informações de milhões de pessoas para a fabricação de dados. “Segundo, os monopólios levaram à intensificação da luta pela conquista das fontes mais importantes de matérias-primas.” (2021, p. 149), ou seja, é necessário manter e melhorar o desenvolvimento de tecnologias de máxima eficiência na extração de informações sensíveis para o maior acúmulo de dados. E temos por último: “Quarto, o



monopólio nasceu da política colonial” (LÊNIN, 2021, p. 150).

O colonialismo é elemento intrínseco do imperialismo, e como bem analisado na obra “The Costs of Connection” de Nick Couldry e Ulises A. Mejias, está bem presente em nossos tempos nos mercados de dados.

*A experiência humana, potencialmente cada camada e aspecto dela, está se tornando o alvo de extração rentável. Nós chamamos esta condição de colonialismo por dados, e é uma dimensão chave de como o capitalismo está evoluindo hoje. (COULDRY, MEJIAS, p. x, tradução nossa)*

Como modernos colonizadores, os capitalistas de vigilância avançam sobre a experiência humana revestidos de uma aura conquistadora, tomando para si a privacidade e psique alheias, imaginando-se em territórios de povos “primitivos” e que necessitam do ordenamento civilizador e evolutivo das tecnologias da informação. O colonialismo por dados vem propor um tipo de domínio que perpassa o mundo digital mas que interfere na realidade social, estabelecendo suas próprias regras de usurpação da mente humana e das relações sociais atuais.

*Colonialismo por dados é, em essência, uma ordem emergente para apropriação da vida humana para que dados sejam continuamente extraídos dela na obtenção de lucros. Esta extração é operacionalizada por relações por dados, meios de interagir uns com outros e com o mundo e que são facilitados por ferramentas digitais. Através de relações por dados, a vida humana não apenas fica anexada ao capitalismo mas se torna sujeito a monitoramento e vigilância constantes (COULDRY, MEJIAS, p. xiii, tradução nossa)*

Resulta, por esta análise, que o capitalismo de vigilância, mais do que se tratando meramente de coleta e processamento de dados e seus usos indiscriminados, se tratar de um novo patamar de evolução do capitalismo com sua própria tendência de concentração de poder e riqueza, reelaborando os esquemas de desigualdade inerentes ao capitalismo. Desigualdade não apenas concebida nas tradicionais categorias sociais ou econômicas, mas agora também invadindo a mente humana.

## CONCLUSÃO

O estudo acima abordado levanta insistentes dúvidas sobre o modo como devemos utilizar nossos aparelhos conectados à internet, como também trazem reflexões acerca dos limites éticos e legais das empresas de tecnologia da informação e do papel do estado perante o controle e a vigilância dos que exploram desenfreadamente as pessoas com fins lucrativos.



Ainda que na linha de tempo do capitalismo este seu atual formato seja um fenômeno ainda incipiente, suas consequências já começam a serem sentidas em alguns círculos de debate público, como o que ocorreu após as revelações do escândalo da Cambridge analytica que envolviam esquemas de dataficação de usuários do Facebook e mecanismos de influência na eleição estadunidense de dois mil e dezesseis (CADWALLADR; GRAHAM-HARRISON, 2018).

A ânsia predatória do capital se expande para uma fonte de matéria-prima que desestrutura as bases legais e morais dos estados de maneira mais grave do que o capitalismo industrial ou financeiro precedentes, pois invade espaços de privacidade pessoal e introjetam ideias escusas que manipulam direitos básicos de proteção à vida e dignidade pessoal. É um processo de zumbificação humana por aparelhos que aparentemente deveriam nos auxiliar.

Por outro lado, em certo sentido podemos também pensar, nos termos da compreensão de Lênin acerca da lógica do imperialismo, nas contradições sociais, econômicas e políticas que podem emergir e se intensificar devido a toda esta proeminência do capital de vigilância perante nações e populações, instigando assim possíveis soluções éticas e democráticas para limitar o poderio monopolista de dados. Articulações de grupos e governos já fizeram expor os perigos que o monopólio de dados podem causar, como ficou bem claro após o escândalo da Cambridge Analytica, e já se discutem estratégias e argumentos para um “decolonialismo de dados” (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 192-211) e até possivelmente, complementando as perspectivas futuras, numa revolução digital que se assimile a uma luta de classes em versão de séc. XXI.

## REFERÊNCIAS

ARBIX, Glauco; BRANDÃO, Rodrigo. Vigilância, estágio superior do capitalismo. Será?. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, vol. 25, nº 48, p. 353-359. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13404/9363>. Acesso em: 23/09/2022.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. *The Guardian*. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 26/09/2022.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses Ali. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.





JÚNIOR, Plínio de Arruda Sampaio. **Por que voltar a Lênin? Imperialismo, Barbárie e Revolução.** In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. O Imperialismo: etapa superior do capitalismo. Campinas: FE/UNICAMP, 2011. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/imperialismo.pdf>. Acesso em 23/08/2022.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio de divulgação ao público.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SOUTHEY, Stewart. Medical Wearables, Surveillance Capitalism And Global Health. **Forbes.** 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/stewartsouthey/2019/06/30/medical-wearables-surveillance-capitalism-and-global-health/?sh=31968d5147da>. Acesso em: 25/09/2022.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.